



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE ARQUITETURA, URBANISMO

CURSO DE DESIGN

IARA MARIA DA SILVA LIMA

ESTUDO DE CASO SOBRE O ARTESANATO DA AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) NA SERRA DAS VIÚVAS, SERTÃO ALAGOANO.

**Maceió - AL
2020**

Iara Maria da Silva Lima

ESTUDO DE CASO SOBRE O ARTESANATO DA AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) NA SERRA DAS VIÚVAS, SERTÃO ALAGOANO.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Design da Universidade Federal de Alagoas como parte do requisito para obtenção do título de graduada em Design.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante.

Folha de Aprovação

AUTORA: IARA MARIA SILVA LIMA

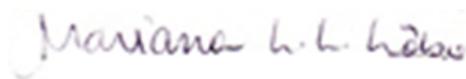
Estudo de caso sobre o artesanato da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) na Serra das Viúvas, sertão Alagoano.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora do Curso de Graduação em Design modalidade Bacharelado da Universidade Federal de Alagoas, como requisito de aprovação.



(Prof^a.Dr^a Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante– FAU/UFAL)
(Orientadora)

Banca Examinadora:



(Mestre, Mariana Lima Lopes Lôbo – FAU/UFAL)
(Membro Interno)



(Prof^a.Dr^a Thaisa Francis César Sampaio Sarmiento– FAU/UFAL)
(Membro Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me confortar nos momentos de angústia de ansiedade extrema, e me guiar em cada decisão cada palavra escrita, a minha irmã Rose Lima que sempre esteve ao meu lado nas horas de trevas e nas horas de luz, uma amiga eterna que me deu todo suporte que estava ao seu alcance mesmo tendo poucas condições financeiras batalhando dia a dia para que eu pudesse concluir meus estudos, minha companheira Roseane Santos pelo apoio durante todo o processo. Agradeço a minha orientadora Morgana que foi quem entendeu, acreditou e me ajudou na realização desse projeto, a porta voz da AMAQUI Lia que por inúmeras vezes me forneceu as informações necessárias, atendendo às necessidades do meu projeto e contribuindo para que eu pudesse conhecer de perto a associação.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal realizar um estudo de caso sobre o artesanato da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas), na Serra das Viúvas, sertão Alagoano. Conhecer seu processo de produção, uso consciente dos recursos naturais, uma reflexão no que se refere à comunidade quilombola e sua cultura, fazendo uso de uma metodologia com abordagem investigativa analítica. Usando os seguintes pressupostos metodológicos: levantamento secundário de dados e questionário, objetivando conhecer de forma mais profunda o perfil socioeconômico das artesãs, realizando entrevistas semiestruturadas buscando informações bibliográficas para que se possa alcançar a ampliação de conhecimento sobre o artesanato AMAQUI. Os principais resultados encontrados foram, a carência de um processo de produção mais organizado, necessitando de melhorias no acabamento de seus produtos. Os mesmos são apresentados de forma desorganizada. Não contém as informações básicas exigidas pelo mercado, como: conceito, tipos de matéria prima usada, nomenclatura de trançados, acabamento, dimensões de cada produto.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo, Artesanato, AMAQUI, Serra das Viúvas.

ABSTRACT

The main objective of this research is to carry out a case study on AMAQUI handicrafts in Serra das Viúvas, in the Alagoas hinterland. Knowing its production process, conscious use of natural resources, a reflection regarding the quilombola community, and its culture, using a methodology with an analytical investigative approach. Using the following methodological assumptions: secondary data collection, and questionnaire, aiming to learn more deeply about the socioeconomic profile of the artisans, conducting semi-structured interviews seeking bibliographic information so that they can reach the expansion of knowledge about AMAQUI handicrafts. The main results found were the lack of a more organized production process, requiring improvements in the finishing of its products. They are presented in a disorganized manner. It does not contain the basic information required by the market, such as: concept, types of raw material used, braiding nomenclature, finishing, dimensions of each product.

KEYWORDS: Quilombo, Handicraft, MACHINE, Serra das Viúvas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Trilha da Serra das Viúvas.....	13
Figura 2: Feira de artesanato em Água Branca –AL.....	13
Figura 3: Mapa da Cidade de Água Branca -AL.....	15
Figura 4: Matriarca Mãe Bela.....	16
Figura 5: Construção da Sede AMAQUI.....	16
Figura 6: Homens e mulheres trabalhando unidos.....	17
Figura 7: Associação de Mulheres quilombolas.....	18
Figura 8: Homens e mulheres da AMAQUI.....	18
Figura 9: Produtos feitos pela AMAQUI.....	19
Figura 10: Palha de bananeira.....	28
Figura 11: Cipó exposto ao Sol.....	29
Figura 12: Fibra de Ouricuri.....	30
Figura 13: Fibra de bananeira.....	33
Figura 14: Processo de separação da palha de Ouricuri	34
Figura 15: Vassoura da palha de Ouricuri sendo montada.....	34
Figura 16: Cipó sendo trançado.....	35
Figura 17: Confecção de esteiras com a palha de bananeira.....	36
Figura 18: Trançando a palha de Ouricuri.....	37
Figura 19: Cadeiras restauradas da rama do cipó	38
Figura 20: Trançado com a rama do cipó	39
Figura 21: Produtos de palha e cipó	41
Figura 22: Cesto de palha e cipó.....	42
Figura 23: Luminária de cipó.....	43
Figura 24: Abanador feito da palha de bananeira.....	44
Figura 25: Cesta feita da palha de Ouricuri.....	44
Figura 26: Bolsa da palha de Ouricuri trançada.....	45
Figura 27: Vassoura da palha de Ouricuri.....	46
Figura 28: Bolsa da palha de Ouricuri e tecido.....	47
Figura 29: Flores feitas com a palha de milho branca e roxa.....	47
Figura 30: Porta guardanapo.....	48
Figura 31: Chapéu de palha de Ouricuri, flor feita com palha de milho roxa.....	48
Figura 32: Bicicleta feita de cipó.....	49
Figura 33: Bolsa da palha de Ouricuri com tingimento laranja.....	50
Figura 34: Cesto de cipó com tampa.....	50
Figura 35: Interação do homem com artesanato.....	53
Figura 36: Sede da Associação AMAQUI.....	53
Figura 37: Produtos na Associação AMAQUI.....	54
Figura 38: Armazenamento dos produtos na associação AMAQUI.....	55
Figura 39: Interior da Sede.....	55

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Contextualização.....	14
1.2 Problematização.....	19
1.3 justificativa.....	20
1.4 Objetivos.....	21
1.4.1 Objetivos gerais.....	21
1.4.2 Objetivos específicos.....	21
1.5 Metodologia.....	22
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1 A comunidade quilombola serra das viúvas.....	24
2.2 História da comunidade.....	24
2.3 Aspectos socioculturais da comunidade.....	25
3.FENÔMENO EM ESTUDO.....	26
3.1 Técnicas manuais de produção.....	26
3.2 Matéria prima.....	27
3.3 Processo de produção.....	31
3.4 Restauração de cadeiras e banco.....	37
3.5 Relação entre design e produto.....	39
3.6. Produtos desenvolvidos na AMAQUI.....	40
3.7 Design e sustentabilidade.....	51
4.PESQUISA IN LOCO.....	51
4.1 História do artesanato na comunidade Quilombola Serra das Viúvas.....	51
4.2 Caracterização dos informantes.....	56
4.2.1 Organização da Produção.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APENDICE:.....	62
TERMO DE ANUÊNCIA	63
ANEXO(s).....	64
ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO.....	65

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOCIAL APLICADO ÀS ARTESÃS.....	66
ANEXO B - CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	70
ANEXO C - ENTREVISTA COM OS PRESIDENTES DE ASSOCIAÇÃO.....	73
ANEXO D - ENTREVISTA COM AS ARTESÃS SOBRE INICIAÇÃO DO TRABALHO ARTESANAL.....	75

1.Introdução

O artesanato AMAQUI é fruto de uma herança da cultura quilombola que se fortalece de forma materializada pelos seus descendentes, que buscam incansavelmente manter a cultura dos seus ancestrais passando ensinamentos para seus filhos e netos sobre as técnicas do artesanato, no intuito de manter viva sua cultura e como alternativa mão de mão de obra dentro da comunidade como um todo.

Essa pesquisa tem como objeto de estudo de caso o artesanato da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) na comunidade Serra das Viúvas, situada em Água Branca, município do sertão alagoano. O trabalho busca compreender a relação entre a cultura local e artesanato através do tempo, pela prática de trabalhos manuais de forma singela. Como as quilombolas usam o artesanato para expressar sua cultura. As práticas do artesanato da Serra das Viúvas permeiam a vida dessas pessoas por décadas, tendo sido passada por gerações. Pretende-se, analisar quais restrições impedem as artesãs ter maior visibilidade, e assim, melhoria em seus produtos. Além de compreender quais os principais fatores que podem contribuir para que a associação alcance melhores resultados em seu processo de produção.

Artesão é a pessoa que faz, a mão, objetos de uso frequente na comunidade. Seu aparecimento foi resultado da pressão da necessidade sobre a inteligência, aliada ao poder de inovar. A atitude ereta do homem liberta-lhe as mãos que não são livres na posição quadrúpede nem mesmo oblíqua. Ele é o único da série animal que opõe o polegar aos outros dedos. Dotado dessas faculdades, o homem pôde então inventar e fazer instrumentos. (MARTINS. 1973, p,19).

A produção do design no Brasil está cada vez mais madura, no que se refere à produção artesanal. Por isso, esse projeto pretende avaliar o artesanato produzido pela AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) e as contribuições que o artesão pode desenvolver através de seu conhecimento técnico.

Oficialmente inaugurada 15 de setembro de 2010, a Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas da Serra das Viúvas localizada na cidade de Água

Branca AL, tem como atividade principal o artesanato, fazendo uso de técnicas focadas no manejo e uso sustentável dos recursos naturais, entre eles: palha de Ouricuri, cipós, palhas de bananeira e milho.

A AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) está desde sua fundação em busca de parcerias para que se possa fortalecer o trabalho artesanal, e em especial para que o artesanato quilombola sustentável seja reconhecido de forma mais ampla, e, por conseguinte a relação natureza-cultura seja um fator importante na produção e/ou confecção do artesanato através da extração de recursos naturais.

A Organização das Nações Unidas (UNESCO) reconhece o valor patrimonial que o artesanato carrega, segundo o órgão:

Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social. (UNESCO, 1997, apud, BORGES, 2011, p,21).

A produção artesanal se insere no design com sendo uma arte carregada de simbolismo e cultura, pois, o produto feito à mão carrega em todo seu contexto seja no material utilizado em sua forma, um valor diferenciado do produto que é feito em série em uma fábrica industrial, a simbologia que as mãos do artesão conseguem produzir traz consigo uma individualidade que nenhuma máquina industrial consegue produzir.

No primeiro capítulo foi realizado um levantamento histórico sobre aspectos culturais e sociais da comunidade quilombola e de que forma a UNESCO reconhece a produção manual.

A AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) é uma associação de mulheres participantes ativas da cultura quilombola e artesãs autodeclaradas remanescentes do quilombo, que tem como matriarca a Mãe Bela. Agricultoras que residem na comunidade Serra das Viúvas, sobrevivem da roça, da criação de animais, e do artesanato. A sede se mantinha em uma casa de farinha da Mãe Bela, tem cerca de 50 integrantes que trabalham de forma direta e indireta e entre os objetos confeccionados estão: bolsas, esteiras, luminárias, jogos americanos (feitos com palhas de Ouricuri), luminárias, cestos,

entre tantos outros produtos artesanais. A pesquisa foi realizada por meio de visitas à comunidade apresentando os sujeitos importantes no contexto histórico da comunidade e sobre a criação da associação, explorando a observação do processo de confecção de cada produto, suas técnicas, seus conceitos, práticas cotidianas, sua cultura através do acompanhamento do dia a dia da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) registrando suas atividades, realizando entrevistas, e obtendo conhecimentos históricos de forma oral.

Atualmente, o conceito de quilombo passou por uma resignificação definindo-o enquanto comunidade com ancestralidade negra que compartilha um mesmo território e uma mesma cultura. As comunidades quilombolas lutam pela legalização da posse da terra na qual se encontram instaladas, pois a posse da terra é um fator primordial para a realização de iniciativas por parte dos grupos quilombolas que promovam o desenvolvimento das comunidades quilombolas, dos municípios aos quais pertencem (NETO,2016, p.19).

Segundo Neto (2016). As comunidades remanescentes do quilombo estão se aceitando cada vez mais, se auto declarando do quilombo, no intuito de fortalecer sua cultura.

Atualmente, a Serra das Viúvas é reconhecida institucionalmente como comunidade quilombola e faz uso do seu potencial turístico e mercadológico através de várias atividades que incluem turismo interno e ecológico através das explorações de suas trilhas.

Trilhas essas que são amplamente divulgadas e realizadas pela Secretária Municipal de Cultura da cidade de Água Branca - AL, entre os meses de junho à agosto de cada ano. Período esse que corresponde à realização do já consolidado Festival de Inverno de Água Branca, nesse período a cidade vê o aumento considerável no fluxo de turistas vindos de todas as partes. Todos visando conhecer as trilhas e o artesanato local.

Figura 01: Trilha na Serra das Viúvas.



rique Feitoza.2019.

As trilhas também ocorrem semanalmente, tanto com grupos de moradores da cidade de Água Branca, como das cidades vizinhas que se reúnem para subir pelas trilhas passando na comunidade Serra das Viúvas.

Figura 02: Feira de artesanato em Água Branca.



o Gomes.2015.

em de feiras no mercado da cidade de inverno, onde acontece festividades período que potencializa as vendas dos formação quanto para uma formação complementar de renda.

Por outro lado, o “artesanato quilombola” se configura, nesse contexto, numa atividade-processo complementar a roça, que possibilita a geração de renda, e que também ressignifica práticas culturais seculares e atualiza memórias individuais e coletivas. (ROMERO,2014, p, 9).

Krucken (2009) “destaca o designer como uma ferramenta inovadora no que se refere ao desenvolvimento de novos produtos, métodos, e estratégias, potencializada a todos os setores, desde a produção até o produto final. ”

É de suma importância abrir essa discussão sobre o trabalho do artesão e associação de estratégias de design, visando benefícios que possam elevar o valor cultural do fazer artesanal, , destacando a cultura quilombola, para que as gerações futuras possam dar continuidade a prática dessa produção, sendo considerada como herança cultural.

A abordagem do design aplicada ao território visa beneficiar simultaneamente produtores e consumidores localizados em uma determinada região geográfica. Isso significa planejar ações que valorizem conjuntamente capital territorial e o capital social, em uma perspectiva duradoura e sustentável em longo prazo. (KRUCKEN,2009, p,49,).

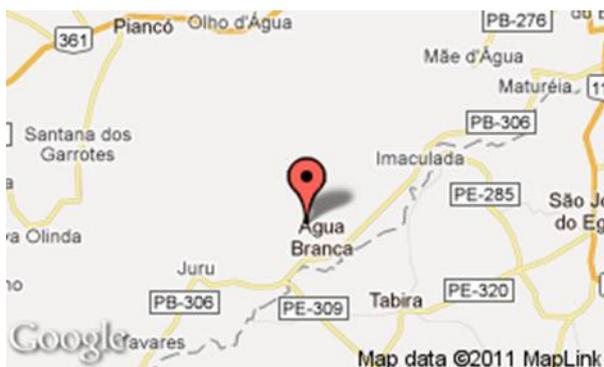
Para realização da pesquisa foi realizada uma pesquisa de campo na comunidade Serra das Viúvas, fazendo uso de entrevistas através de questionários pré-estabelecidos sobre o processo de produção e questionário social para os artesãos que trabalham diretamente com os produtos, com objetivo de traçar o perfil do processo de produção AMAQUI. Antes do início da pesquisa de campo foi feita

uma pesquisa bibliográfica, fazendo uso de materiais de pesquisa já existentes sobre a comunidade, no intuito de, realizar uma análise mais crítica para identificar as linhas de diálogos estabelecidas por cada artesã.

1.1 Contextualização

O povoado da Serra das Viúvas localiza-se à quatro quilômetros da cidade de Água Branca – AL, cerca de 380 km da capital Maceió.

Figura 03 : Mapa da cidade de Água Branca –AL.



<https://apuracao/agua-branca-al.html>. 2020

moradores mais antigos da comunidade, usa de uma passagem de Lampião pela casa de família. A partir desse dia, a região tornou-se uma comunidade que tem como descendentes africanos escravizados, que mesmo com poucos recursos financeiros se mobiliza para deixar sempre viva sua cultura através da arte do artesanato, carregado de histórias.

Em finais da década de 90, as mulheres da comunidade decidiram organizar-se para desenhar um empreendimento comunitário que sistematizasse a produção e comercialização do artesanato. A iniciativa foi de Marlene e Belinha, filhas de dona Maria Isabel, chamada por todos de mãe Bela – matriarca da rede parental de Doroteo, irmão do pai de mãe Bela, ao qual Marlene se refere como “um negro experto” e que foi escravo num dos tantos engenhos gerenciados pelo sistema escravocrata no país. (ROMERO, 2014, p.5).

A identidade histórica da Serra das Viúvas teve início através da matriarca Mãe Bela que uniu de início 30 mulheres para dar maior visibilidade ao artesanato local, abrindo as portas da sua casa de farinha para uso tanto da produção do artesanato como para produção de farinha para a comunidade, dividindo espaço

com o forno de torrar farinha, com a máquina de moer a mandioca, entre outros elementos usados para a produção do beiju.

Outra particularidade que chama a atenção para o artesanato é a sua grande interface junto ao turismo, uma vez que a competitividade de um destino muitas vezes está relacionada à diversificação e qualificação de produtos associados que valorizam suas manifestações culturais e tradicionais. Do mesmo modo, para a produção artesanal, a demanda turística é mais um importante meio de acesso a mercados. (SEBRAE,2010, p,9.)

Figura 04: Matriarca Mãe Bela



Fonte: Maria Helena Souza.2017.

Maria Izabel, mais conhecida como “Mãe Bela” é respeitada por toda comunidade tanto pela sua iniciativa no processo de valorização cultural do artesanato, como por ser a matriarca dentro da pequena comunidade.



com recursos próprios, a matriarca Mãe Bela. A dedicação das artesãs e dar
houve uma união para que todos contribuíssem da forma que era possível, alguns no trabalho braçal, outros no fornecimento de refeição para os trabalhadores, e na doação de materiais para construção. (SANTOS, 2019, p, 26).

Figura 06: Homens e mulheres trabalhando unidos.



...aria Helena Souza.2017.

...anos de existência, sua construção teve início no
 ...ainda enfrenta alguns problemas, como a falta de
 ...s os moradores dependem de carro pipa para
 ...cesso a sede fica abaixo de uma ladeira de barro
 ...to de automóvel ou a pé.

...cessidades das artesãs para reuniões, e dar mais
 ...m artesanato, como nos dias de festividades, no
 ...ência negra, a comunidade promove um evento
 ...TOS, 2019, p, 14).

...ciação de Mulheres Quilombolas.



...como “Alagoas Feito à mão”,
 ...ortantes para auxiliar nas

...QUI.



...as é configurado como uma
 ...possibilita o sustento de toda
 ...o para ser vendido na feira

Figura 09: Produtos feitos pela AMAQUI.



melhoria dentro da associação das mulheres quilombolas?

Segundo Löbach (2001) o ponto inicial para o trabalho do design se define conhecendo qual é a problemática, para que a partir daí se possa dar início a pesquisa da metodologia, no intuito de encontrar a resolução.

Quando há conhecimento de um problema e intenção de solucioná-lo, segue-se uma cuidadosa análise do mesmo. O âmbito dessa análise depende da abrangência e da importância da solução do problema. Dependendo do caso, ela pode ser detalhada ou ampliada ao entorno do mesmo. Na primeira fase do processo de design, é muito importante recolher todas as informações que se possam conseguir e prepará-las para a fase posterior de avaliação. Para isto é essencial a coleta de conhecimentos sobre o problema sem censuras. Todos os dados podem ser importantes, para a base sobre a qual se construirá a solução. Na solução. (LOBACH, 2001, p,143).

A partir da pesquisa em campo e questionários aplicados e interação com integrantes da associação, foi possível aprofundar-se na realidade pesquisada com um olhar técnico. No que se refere à necessidade de um conhecimento técnico dos próprios artesãos, é importante verificar a necessidade de melhorias no intuito do desenvolvimento de produtos já existentes na AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas), considera-se a inter-relação tanto dentro do conceito da restauração feita na associação, como no processo de produção e sua apresentação seja em feiras, ou através de mídias sociais, buscando manter viva sua cultura quilombola, e seus meios de produção sustentáveis, com o auxílio da atuação de parcerias, buscando informações especializadas .

Segundo Lobach (2001) ao descobrir um problema o pesquisador estabelece um ponto de partida dando como consequência a motivação, isso faz

parte do processo de pesquisa de design, que por conseguinte procura através da pesquisa a melhor forma de solucionar cada problema.

Considerando assim o processo de design criativo e de resolução de um problema da pesquisa até então, dividido em quatro etapas que se inter-relacionam em prol do avanço da pesquisa. Conforme veremos a seguir.

- existe um. Problema que pode ser bem definido;
- reúnem-se informações sobre o problema, que são analisadas e relacionadas criativamente entre si;
- criam-se alternativas de soluções para o problema, que são julgadas segundo critérios estabelecidos;
- desenvolve-se a alternativa mais adequada (por exemplo, transformasse em produto). (LOBACH, 2001, p.141).

Segundo o autor acima citado o designer tem como primordial função encontrar a resolução do problema em questão, a interação do designer sendo um mediador, desenvolvendo junto as artesãs melhorias que atendam suas necessidades.

1.3. Justificativa

A AMAQUI apresenta necessidade em potencializar seu trabalho artesanal, por meio do melhoramento de processos que estimulem a inovação. Será possível, elevar a qualidade do trabalho artesanal, por meio da proposição de soluções mais práticas e produtivas, implementando melhorias para qualidade do produto e comercialização do mesmo.

Esta pesquisa é importante pois a Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas (AMAQUI) está em busca de seu reconhecimento no âmbito da produção artesanal de melhor qualidade, pensando em ações de impacto social e ambiental, tais como: na reciclagem e reutilização ressignificando o que seria lixo. É necessária uma parceria com profissionais do mesmo ramo e gestão, para que possam auxiliar nas melhorias dos produtos e processos de produção, permitindo a renovação desses processos.

A necessidade de compreender a relação design–artesanato, observando as perspectivas de mercado e considerando as questões de sustentabilidade, é evidente. Entretanto, no ambiente artesanal, o design tem sido direcionado aos resultados imediatos, ou seja, aos produtos, sem que muita atenção tenha sido dada aos processos, e isso tem se refletido

em resultados pontuais, com pouca ou nenhuma sustentabilidade. (ANDRADE,2015)

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivos gerais

Realizar um estudo de caso, sobre a produção artesanal da Associação das Mulheres Artesãs Quilombola (AMAQUI), Comunidade situada na Serra das Viúvas, sertão alagoano.

1.4.2 Objetivos específicos

- **Analisar a produção artesanal da Serra das Viúvas:** com a finalidade de conhecer sua história, sua importância cultural, social e artística.
- **Análise da Associação AMAQUI:** para conhecer como foi criada, e quais os produtos existentes.
- **Analisar o Processo de extração da Matéria -Prima:** com intuito de conhecer e entender como é tratada a matéria - prima.
- **Análise de Materiais e Processos de Fabricação:** identificar materiais e processos de acordo com as características funcionais e formais do produto, levando em consideração a sustentabilidade e a viabilidade de produção da associação.

1.5 Metodologia

Para o desenvolvimento dessa pesquisa será realizado inicialmente o levantamento bibliográfico, realizando um referencial teórico sobre temas

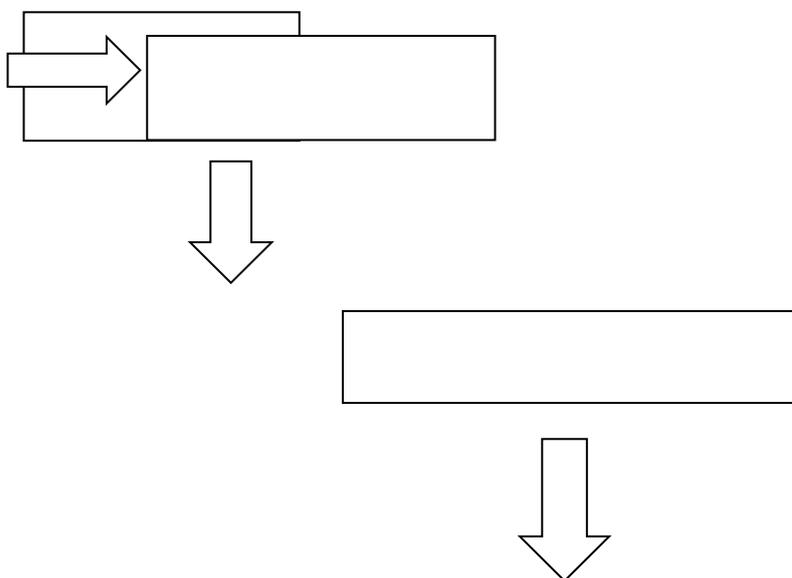
pertinentes ao projeto como: sustentabilidade, uma reflexão sobre a contribuição do designer para o artesanato, a importância do artesanato quilombola vista como patrimônio da comunidade, visita na associação no intuito de realizar a observação em campo, da extração da matéria - prima juntamente com a AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) , divisão de tarefas, realização de tarefas, processo criativo, processo de produção dos produtos, e comercialização.

A proposta realizada para metodologia da pesquisa foi um estudo quantitativo e qualitativo através de análise de documentos, entrevistas aos indivíduos que residem na comunidade das artesãs e questionários, a partir do método “ estudo de caso “ escolhido em virtude de se obter uma investigação mais aprofundada do fenômeno a ser estudado, colhendo informações mais próximas da realidade social e cultural em que a comunidade reside.

De acordo com Crocco (2000) a metodologia deve ser cuidadosamente minuciosa e detalhada, tendo como ponto de partida um prévio diagnóstico no qual se destaca as mais variadas matérias - primas trabalhadas pelas artesãs. Seguindo essa sequência os tipos de produtos, como se dá a produção artesanal especificamente na localidade e não menos importante é conhecer o contexto histórico como um todo, artístico, e social.

Diferentes metodologias são utilizadas para orientar a interferência do design no artesanato, geralmente a cada projeto existem mudanças para melhor adaptar ao resultado esperado. (MOUCO, 2010,p, 47).

LOBACH (2001) afirma que, devem ser utilizados os seguintes levantamentos e análises de dados, como:





Se faz necessário enfatizar que a escolha do estudo de caso ocorreu porque a associação da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas) representa a manutenção da tradição quilombola, que apesar das questões problemáticas encontradas na comunidade, encontra-se atuante, cultivando sua cultura, seu legado e passando para seus filhos e netos, os conhecimentos adquiridos dos seus antepassados.

Através do estudo bibliográfico foi possível perceber que a maioria dos autores estudados estão de acordo em dizer que, apesar do método escolhido para a pesquisa ser complexo, é bastante importante pois possibilita a imersão sobre a problemática a ser estudada.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Freitas (2011) o artesão possui domínio sobre o uso da técnica do seu produto, de maneira informal, mas, o profissional pesquisador com sua experiência pode identificar as potencialidades no que se refere ao planejamento, e técnicas de melhorias, podendo injetar no trabalho artesanal fazendo uso de metodologia mais eficaz.

2.1 A comunidade quilombola da Serra das Viúvas.

Nesse capítulo, direciona-se para o contexto histórico da comunidade, em seguida a pesquisa se direciona para os aspectos sociais e culturais que permeiam na Serra das Viúvas, preservados pela comunidade.

2.2 História da comunidade.

Segundo Romero (2014) as histórias contadas têm um significado importante sendo elas histórias contadas por via oral, passada de forma coletiva em forma de reuniões sobre sua identidade, a valorização da comunidade como sendo remanescente do quilombo, que foi enriquecida por meio do artesanato, remontam tempos escravocrata no Brasil.

Um fator primordial para a continuidade da cultura quilombola são exatamente relatos orais que servem como um reforço da importância cultural que está presente dentro da comunidade que por sua vez se apegam às vivências de seus antepassados para poder dar continuidade para suas gerações.

Mestre artesão Indivíduos que se notabilizaram em seu ofício conquistando admiração e respeito, não somente de seus aprendizes e auxiliares artesãos, como também dos clientes e consumidores. Sua maior contribuição é repassar para as novas gerações, técnicas artesanais e experiências fundamentais de sua atividade. (SEBRAE,2010. p, 15.)

2.3 Aspectos socioculturais da comunidade

A comunidade Serra das Viúvas vive dependente do cultivo de alimentos frutíferos, milho, feijão, mandioca, abóbora, são homens e mulheres que se autodeclaram do quilombo, tendo como renda principal o trabalho na roça, o artesanato vem como um complemento financeiro, e ao mesmo tempo uma prática cultural.

Todas as artesãs vivem da roça. É bastante comum o casamento entre primos, são em sua maioria da mesma família. A grande parte das pessoas é analfabeta. A presidente da associação é a única que terminou o ensino médio. A comunidade depende de carro pipa para poder encher suas cisternas de água para uso próprio e para os animais que criam, são indivíduos ainda mais carentes no que se refere a questões financeiras.

Essas práticas sociotécnicas perpassam a organização e divisão social das tarefas cotidianas influenciadas, tanto pelo trabalho sazonal dos homens que migram às usinas de cana de açúcar no sul do estado, ou na região de São Paulo, em busca do sustento dos grupos familiares, como

pela lógica que guia o cotidiano das mulheres e crianças que se desdobram entre as atividades domésticas, a roça, o artesanato, a criação de animais, o cuidado dos filhos e dos poços de água, a distribuição e comercialização das peças artesanais em Água Branca, e a criação de táticas de gestão associativa relacionadas à AMAQUI. (ROMERO, 2014, p, 23.)

Apesar de sempre cultivar suas origens quilombola, a comunidade da Serra das Viúvas até meados de 2006 ainda não tinha se auto declarado como comunidade quilombola, por questões sociais mais fortes predominantes da cidade, como a religião católica, entre outros modos de vida da cidade, até então a Serra das Viúvas seguiu os conceitos da cidade, foi então no ano de 2009 que a comunidade se auto declarou quilombola, essa iniciativa foi da presidente da associação da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombola da Serra das Viúvas), a idealizadora desse projeto que perdura até hoje, Marlene de Araújo, luta para que o artesanato garantisse seu reconhecimento, no início desse processo teve apoio da Fundação Cultural Palmares, produzindo materiais até então simples, mas aos poucos adquirindo aprendizado no decorrer do tempo.

Artesão é aquele detentor de conhecimento técnico sobre os materiais, as ferramentas e os processos de sua especialidade. (SEBRAE, 2010, p,15.)

Aos poucos as artesãs conseguiram chamar atenção de estudantes que procuram conhecer os remanescentes do quilombo e sua cultura e conseqüentemente se depararam com seu artesanato que carrega em cada produto a história de seus antepassados através das técnicas de trabalho e de sua estética. A Marlene de Araújo é a responsável por receber alunos, turistas, visitantes em geral, que visitam a Serra das Viúvas com frequência.

A relevância do artesanato também se dá na medida em que se apresenta como contrapartida à massificação e uniformização de produtos globalizados, promovendo o resgate cultural e o fortalecimento da identidade regional. (SEBRAE, 2010, p, 8.)

O artesanato é fruto de uma herança da cultura quilombola que se fortalece de forma materializada pelos seus descendentes que buscam incansavelmente manter a cultura dos seus ancestrais passando os ensinamentos sobre o artesanato como mão de obra da comunidade como um todo.

3. FENÔMENO DE ESTUDO

3.1 Técnicas manuais de produção.

Nesta etapa, apresenta-se uma breve exposição dos produtos com cada tipo de técnica usada para produção do artesanato na comunidade pesquisada. São produtos trabalhados no trançado, com exceção da palha de milho que tem seu processo através de dobras criadas pelas artesãs sem um nome específico.

3.2 Matéria - prima.

As matérias- primas: cipó-titica (*Heteropsis ssp*), cipó-25mbé (*Philodendronimbe schott*), palha de Ouricuri (*Syagrus coronata*), palha de bananeira (*Musaceae*), e palha de milho branco e roxo (*Zeamays*), são extraídas de forma consciente respeitando-se até onde a natureza pode oferecer. Desta forma evita-se sua escassez (ROMERO, 2014, p,2).

Ecologicamente sustentável – o artesanato é capaz de ser sustentável neste Ponto, porém, não é o que acontece sempre. Para esses casos o designer pode contribuir conscientizando o artesão e propondo alternativas de caráter sustentável, verificando a necessidade de manejo, conhecendo a matéria-prima para que o leque de aplicabilidade possa ser ampliado, evitando a exploração de um único recurso e racionalizando a produção para evitar o desperdício da matéria-prima e energia; resultando no uso máximo do potencial da biodiversidade sem que este se deteriore, aproveitando integralmente a matéria-prima disponível com o mínimo de impacto ambiental.(MOUCO,2010, p, 53).

Um fato interessante sobre a extração do material é que as artesãs só extraem o material da natureza quando a lua está na fase crescente. O significado dessa escolha, é que na lua crescente o local de onde se extraiu o material, será renovado, voltando a ser do mesmo jeito, ou até em maior quantidade. O cipó é cortado antes da fase da lua crescente, isso faz com que no local da retirada nasçam

dois. Assim, entende-se que existe um respeito à natureza, para que se possa sempre ter material novo à disposição das artesãs.

Por outro lado, em tempos muito chuvosos o material molhado dá mais trabalho para ser preparado para confecção dos produtos, pois têm que ser secados, evitando mofo, ou qualquer comprometimento da qualidade dos produtos.

A palha da bananeira fica disposta ao sol para que possa ser totalmente seca através do vento e do sol, só a partir daí é que ela estará pronta para ser trançada, amarrada e resultar nos produtos AMAQUI. É um material bastante resistente que existe na comunidade em abundância, podendo ser trabalhada o ano todo na produção das artesãs, oferecendo garantia de venda, pois seu material oferece uma maior facilidade no manejo.

Figura 10: Palha de bananeira



Fonte: Maria Helena Souza.2017.

A artesã Marlene diz que a retirada do cipó só é feita na lua crescente, pois o respeito aos ciclos lunares existe desde os primórdios de seus ancestrais; a artesã completa dizendo que se o cipó ou a palha forem extraídos da natureza quando a lua estiver nova, vai comprometer a qualidade dos materiais, pois ficarão fracos. O cipó é bastante resistente, mas para sua qualidade ser garantida deve seguir os ciclos da lua. Dessa forma, é extraído, levado ao sol e depois levado para casa de farinha para ser trançado.

Figura 11: Cipó exposto ao sol.

Fonte: Fanny Longa

A Ouricuri e sua assim que o dia artesão Cícero de imagem abaixo, Ouricuri, a palha produto feito da se aproveita. A



Romero. 2017.

extração do palha são feitos começa pelo Araújo. Na podemos ver o sendo extraída e o palha, então tudo produção da AMAQUI está diretamente relacionado com o manejo sustentável, pois é dela que tiram seus sustentos e grande parte da comunidade vive da roça.

Figura 12: fibra do Ouricuri,



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

A fibra do Ouricuri e a palha da bananeira são as matérias - primas mais utilizadas no processo de produção das artesãs. Fazendo parte da maior quantidade da confecção dos produtos, são matérias - primas de fácil manejo, proporcionando uma maior produção em menos tempo.

3.3 Processo de produção

TABELA 01: PROCESSO DE PRODUÇÃO AMAQUI

Matéria - Prima	Processo de produção	Produto final.
Palha de milho roxo e branco.	A técnica para confeccionar consiste em enrolar um pedaço da palha, sem fechar totalmente o circuito da folha em uma haste para segurar a palha.	Flores, nas cores branca, e roxa
Palha de bananeira	Inicialmente as palhas são retiradas, uma por uma. Colocam-se todas no sol durante um mês, Depois de seca, a palha é desfiada com uma faca e costurando com uma agulha comum.	Esteira.
Palha de Ouricuri	A confecção da vassoura consiste no uso de dois fios de palha de Ouricuri (a palha branca e a palha grossa)	Cesto, Bolsa, Porta - guardanapo, Chapéu, Vassoura, Puff, Jogo americano.
Cipó Verdadeiro, o branco, vaqueiro, teiú, Cipó de sol, e Cipó de mata.	Para elaborar as peças de cipó, o material é retirado da mata para ser usado no mesmo dia, seu uso deve ser imediato e o ainda se encontrar verde para iniciar o trançado.	Cesto, Guirlanda, Balaio, Arvore de Natal. Mandala, Luminária, Fruteira. Cesto, Caçua. Bicicleta,

TABELA 02: CONFEÇÃO DE CADA ARTESÃ AMAQUI

Artesã	Matéria -Prima	Produtos	Quantidade Mensal
Cícero de Araújo.	Palha de Ouricuri, Cipó	Cesto Luminária, Caçua	06 a 15
Henrique Oliveira	Cipó	Bicicleta, Luminária, Caçua.	05 a 09
Isabel Oliveira dos Santos	Palha de bananeira, palha de Ouricuri	Esteira, Puff, Bolsa, Cesto, Porta guardanapo.	15
José Francisco dos Santos	Cipó	Cesto, Caçua.	06 a 15
Luziene de Araújo	Palha de milho roxo e branco, Palha de bananeira, Palha de Ouricuri.	Flor, Esteira, Bolsa, Cesto	08 a 12
Maria Izabel (Mãe Bela)	Palha de milho, Palha de Ouricuri. Palha de bananeira.	Vassoura, Chapéu, Cesto, Balaio, Jogo Americano.	08 a 15
Marlene de Araújo.	Palha de milho. Palha de bananeira.	Arranjo de flores. Esteira Cesto, Guirlanda, árvore de Natal.	09 a 15
Zélia Oliveira de Araújo.	Palha de Ouricuri, Palha de bananeira	Vassoura, Puff, Porta guardanapo. Esteira. Guirlanda, Mandala, Luminária, Fruteira	09 a 15

A produção das artesãs não tem uma organização pré-estabelecida, e é feita de acordo com o gosto de cada uma em produzir, qual produto elaborar e quantas horas trabalhar por dia. Tudo isso decidido por cada uma, sem uma prévia organização do grupo de artesãs.

Figura 13: fibra de bananeira.



Fonte: Maria Helena Souza.2017.

A figura 14 mostra a matriarca da Serra das Viúvas, a senhora Maria Izabel, a “ mãe Bela ” separando as palhas de Ouricuri para produção de vassouras muito vendidas nas feiras de Água Branca. A forma rústica mostra a ancestralidade em seu modo de trabalhar, adquirido há décadas pela sua mãe e avó.

Figura 14: processo de separação da palha de Ouricuri.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

A figura 15, abaixo, apresenta a artesã Zélia Oliveira de Araújo, produzindo uma vassoura da palha do Ouricuri. Ela enfatiza que seu interesse pelo artesanato é desde dos 10 anos de idade através dos ensinamentos da mãe.

Figura 15: Vassoura da palha de Ouricuri sendo montada.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

A figura 16 apresenta o trançado do cipó pelas mãos da artesã Marlene de Araújo para fazer um cesto utilizado para colocar roupas. Não são todas as artesãs que fazem os trabalhos com o cipó, pois ele tem um manejo que exige um conhecimento e esforço maior.

Figura 16: cipó sendo trançado.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

No processo de produção da esteira é preciso três artesãs na figura 17 mostra as artesãs Zélia Oliveira de Araújo (com a blusa azul), Marlene de Araújo (com a saia branca) e Izabel Oliveira dos Santos, são mulheres que desde sua infância começaram a lidar com o artesanato e a roça, infelizmente não tiveram acesso à escola, sendo analfabetas, uma cultura que até hoje é comum na comunidade.

A figura 17 abaixo é um exemplo de como as técnicas de produção artesanal são passadas de geração em geração. A imagem mostra duas irmãs erguendo esteiras feitas da palha da bananeira (já secas). As mulheres aprenderam a lidar com o artesanato na prática do dia-a-dia, olhando seus familiares fazendo e reproduzindo ao mesmo tempo. Segundo elas, quando veem algo na televisão tentam reproduzir, às vezes dá certo e outras não.

A esteira é produzida na casa de farinha da Mãe Bela como a maioria dos produtos. O local é onde funciona a casa de farinha de mandioca, mas nos dias que não têm produção, a AMAQUI utiliza o tempo livre para fazer reuniões e artesanato. O espaço é considerado especial para mãe Bela, que passa boa parte do tempo dentro da casa de farinha. Além da associação, a casa de farinha também abriga os produtos já prontos para venda, dividindo espaço com as mandiocas retirados da roça da comunidade.

Figura 17: confecção de esteiras com a palha de bananeira.



Fonte: Maria Helena Souza.2017.

O trançado da palha é feito por todas as mulheres da AMAQUI. É uma prática inicial do processo produtivo, que todas as pessoas envolvidas devem ter o domínio e a partir daí trabalhar com outros materiais. Como a palha de milho seco, a esteira é um produto que tem vida útil bastante longa, por esse motivo é bastante requisitado e adquirido, servindo como objeto de decoração e utilitária doméstica. A fibra de bananeira entrelaçada oferece um conforto considerável para o corpo em momento de descanso sentado ou deitado.

Foto 18: Trançado na palha de Ouricuri.

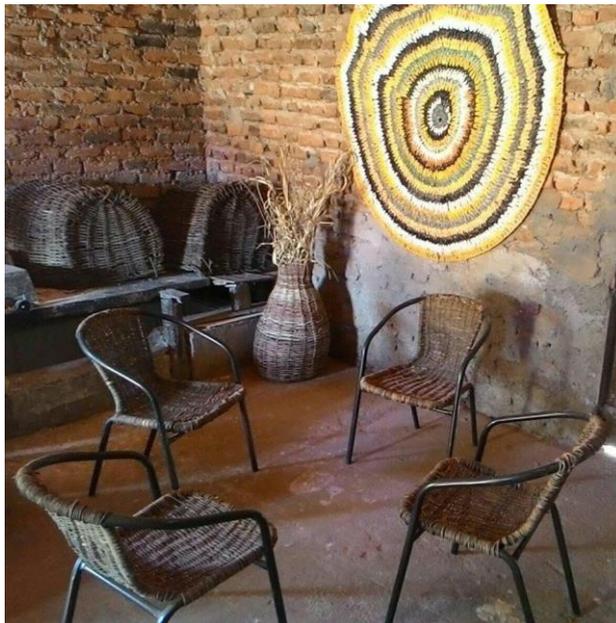


Fonte: Maria Helena Souza.2017.

3.4 Restauração de cadeiras e banco.

As artesãs assim como os designers trabalham com restauração de cadeiras e bancos fazendo uso de recursos que a natureza oferece, é um processo manual delicado e rústico. A figura 19 evidencia uma matéria - prima que é bastante utilizada pelas artesãs, o cipó. As técnicas de trançar a matéria- prima vão além da produção e o seu aperfeiçoamento proporciona uma maior segurança para transformar um produto, que até então era velho e danificado, por um produto com um novo conceito, novas características e técnicas com autoria da comunidade quilombola.

Figura 19: Cadeiras restauradas da rama do cipó.



Fonte: Maria Helena Souza.2017.

O trabalho de redesign que se procura estimular é o que valoriza e respeita a produção autoral. Na figura 20, foi feito com um trabalho de restauração do trançado, transformando-o do, o que era uma cadeira foi transformado em banco. Percebe-se que o conceito se modificou de um produto que antes era para sentar e apoiar as costas para um banco singelo com a função apenas de sentar e não mais apoiar.

O trançado com a rama do cipó feito nesse assento é o mesmo feito em cestos de cipó, não houve uma novidade na produção do assento, a rusticidade dele foi preservada. Entretanto, esse tipo de atividade que envolve a restauração começou a pouco tempo e precisa ser melhorado, pois é feito de acordo com as ideias momentâneas das artesãs, sem nenhuma estratégia de produção, mas apenas a partir da tradição e sensibilidade de cada uma.

Figura 20: trançado com a rama do cipó.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

3.5 Relação entre Design e produto.

O designer se propõe ,como processo de melhoramento de processos, agregar valor aos produtos artesanais, por meio da aplicação de técnicas de design de produto, que visem resgatar ícones tradicionais e culturais. Procura-se aplicar uma metodologia de trabalho que respeite as condições de vida e de trabalho das artesãs, entendendo suas limitações. Para tal, o design atua diretamente em três pontos: valorização dos produtos, organização da produção e inserção do produto no mercado. (MOUCO, 2010, P, 132.).

O design deve ter uma postura de orientar o profissional artesão a tirar o melhor daquilo que ele sabe fazer, transformando o processo em um bom resultado, temos como exemplo, Sérgio Matos que é considerado um dos principais designers do país no trabalho com artesanato e quem vem desenvolvendo trabalhos neste sentido. O Nordeste é um enorme celeiro da produção artesanal do Brasil. Assim

como, o design, o artesanato também é funcional, e estético, no caso da comunidade em questão fazendo uso da responsabilidade ecológica.

Os designers mais experientes oferecem suporte ao artesão no que se refere ao processo de como se agregar valor ao produto, com o objetivo de se ter um alcance mais amplo no mercado, atendendo suas exigências e competitividade da atualidade.

Além da orientação com relação ao design de produto, na gestão da produção, acesso ao mercado, comercialização mais organizada e profissional, ação de mercado, preparando a comunidade para que a mesma possa se capacitar, tornar-se mais competitiva dentro do mercado onde se encontra produtos similares agregar renda na sua comunidade e dentro do seu lar. Os artesãos são os atores principais em todo o processo produtivo do artesanato, não apenas como um produto, uma arte que tem toda uma história e cultura envolvida.

Faz-se necessário salientar que a junção de conhecimento entre artesanato e design se propõe a conhecer e analisar o desenvolvimento dos setores do trabalho da AMAQUI.

3.6 Produtos desenvolvidos na AMAQUI

Os produtos são todos feitos com características rústicas, totalmente manuais sem uso de nenhum maquinário. São dispostos em feiras públicas nas cidades de Água Branca - AL e nas circunvizinhas, e até mesmo na comunidade Serra das Viúvas de forma improvisada e amadora, sem uma estratégia de apresentação de vendas, que possa atrair os olhares por sua organização.

Figura 21: produtos de palha e cipó.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

Os produtos são apresentados, de forma frequente, em feiras públicas locais e em redes sociais ainda de forma amadora. A artesã Lia está à frente da divulgação e expansão das artesãs em redes sociais, como meio de agregar maior valor e dar visibilidade ao trabalho que tem sido passado por gerações na comunidade, sendo bastante valorizado para quem reside na comunidade da Serra das Viúvas, local, muitas vezes, não visitado por se tratar de uma comunidade que frequentemente não tem disponibilidade de transporte.

Os produtos na imagem abaixo foram produzidos para feira, eles possuem informações de contato da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas), são expostos de forma nada chamativa, pois são expostos em cima de uma mesa, sem uma organização prévia e estudo de apropriado.

Figura 22 : Cestos de palha e cipó



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

As artesãs através da proposta de uma nova formatação do uso do cipó, criaram um produto diferenciado, como podemos observar na imagem abaixo: uma luminária de cipó, que já vem sendo utilizada em bares e restaurantes que têm um conceito rústico ou nordestino. É um produto de fabricação simples, mas que traz um diferencial entre tantos outros produtos das artesãs.

O custo é baixo e atrativo, levando-se em conta que é um produto que carrega em si uma cultura e leva consigo um conceito bastante nordestino e sertanejo, sendo comercializado dentro e fora do estado.

,Figura 23: luminária de cipó.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

O abanador conhecido objeto do imaginário brasileiro, ainda hoje é produzido e comercializado em todo interior de Alagoas. A sua técnica de trançado, seu formato e tamanho se mantêm igual ao longo da história. A função é aumentar as labaredas do fogão de lenha, mantendo as brasas acesas.

O abanador disposto na figura 24, abaixo, é um produto de baixo valor de compra, custa apenas R\$ 3,00. É o único produto feito de palha de Ouricuri ainda verde, tem a função de acender fogos de brasa, feito com um trançado criado pelas artesãs, sendo o acabamento feito de forma rústica. Os produtos são comercializados apenas nas proximidades ou em feiras e eventos da região.

Figura 24: abanador feito de palha de bananeira.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

A cesta é um produto até então bem visto por ter utilidade de guardar inúmeros tipos de produtos, frutas, ou o que o cliente desejar, mas como podemos perceber existe uma pequena imperfeição em seu acabamento, típica dos processos artesanais, o que não chega a desmerecer a sua qualidade enquanto produto regional.

Figura25: Cesta feita com palha de Ouricuri.

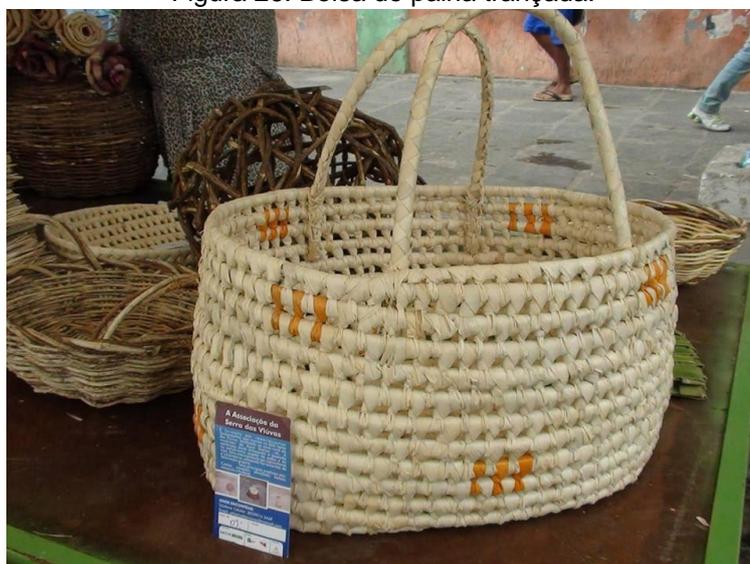


Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

A figura 26 mostra uma bolsa trançada com alça, seu material é feito de palha de Ouricuri, está disposta na feira de Água Branca especificamente no centro da cidade.

Esse produto é um dos poucos que está com uma etiqueta disposta, pois não existe uma padronização de etiquetas que caracterizam ser produtos AMAQUI. Esta foi criada pela presidente da associação, da forma que a mesma acredita ser a correta de se apresentar em uma peça artesanal, entretanto, em outros momentos, o produto tem apenas um pedaço de folha de caderno com o seu valor.

Figura 26: Bolsa de palha trançada.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

A vassoura de palha é um produto bastante utilizado, uma das produções mais antigas passadas de mãe para filha, tem baixo custo de compra e é bastante aceita na feira de Água Branca- AL, além de atender às necessidades das donas de casa, que não tem condições de comprar uma vassoura de outro material no mercado.

Figura 27: Vassoura de palha



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

As bolsas de palha são feitas há décadas e possuem vida útil prolongada por serem feitas de um material de boa qualidade. No decorrer do tempo, ganhou cores e mistura de materiais como mostra a figura 28. Uma mistura de palha de Ouricuri com tecido florido, ganhando novas formas como o arredondado, sendo que décadas atrás essa bolsa era apenas feita com esse mesmo trançado e sua forma era quadrada; esse produto é um exemplo de algumas modificações nos produtos.

Figura28: bolsas feitas da palha de Ouricuri, e tecido.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

No processo de produção das artesãs tudo é aproveitado, na figura 29 as folhas produzidas são feitas com palha de milho seco, em duas cores, roxo e branco, geralmente comercializada na região em feiras ou para turistas visitantes da comunidade

Figura 29: flores feitas com palha de milho branca e roxa.



Fonte: Maria Helena Souza.2017.

Entretanto, as palhas secas de milho roxo e branco conservam suas cores in natura, e são usadas para fazer arranjos de flores, especialmente em

formato de rosas. A técnica para confeccionar esses arranjos consiste em enrolar um pedaço da palha, sem fechar totalmente o circuito da folha, numa haste para assegurar a palha. Primeiro, escolhe-se a palha de uma cor que depois se sobrepõe a outra de cor diferente. (ROMERO, 2014, p, 22).

Figura 30: Porta guardanapos.



Fonte: Maria Helena Souza.2016.

O exemplo da figura 31, mostra um chapéu feito de palha de milho roxa e palha de Ouricuri. O trançado da palha Ouricuri dá forma ao chapéu e, a palha roxa do milho, a flor que o enfeita.

Foto 31: Chapéu de palha de Ouricuri, flor feita com palha de milho roxa.



Fonte: Maria Helena Souza. 2016.

Os homens da comunidade também têm participação na associação, pois ao longo do tempo foi se deixando o preconceito sobre o trabalho artesanal. A figura

32 abaixo, é um exemplo claro que mostra um jovem que além de fazer seu trabalho braçal com a casa da farinha, confecciona uma bicicleta de cipó.

Figura 32: bicicleta de cipó.



Fonte: Fanny Longa Romero. 2017.

O rapaz da figura 32 está fazendo farinha, não para vender e sim para o consumo de sua família e da comunidade, já a bicicleta foi feita por encomenda.

Figura 33: Bolsa de palha de Ouricuri com tingimento laranja.



Fonte: Iara Maria da Silva Lima.2020.

Figura 34: Cesto de cipó com tampa.



Fonte: Iara Maria da Silva Lima.2020.

3.7 DESIGN E SUSTENTABILIDADE

Segundo Crocco (2000) para se atingir uma vida com mais qualidade e sustentabilidade, é necessário fazer o reuso dos recursos naturais, promover soluções mais sustentáveis e inovadoras através de estratégias de design.

O designer, portanto, assume o papel de facilitador, ou agente ativador, de inovações colaborativas, promovendo interações na sociedade. (CROCCO,2000, p,48).

É um verdadeiro desafio aos designers se manterem em constante produção de novas ideias. Nos dias atuais, busca-se gerar novas e/ou melhores condições de trabalho, mas quando se trata em trabalhar juntamente com artesãos, as condições de trabalho encontradas devem ser respeitadas, pois fazem parte de uma fazer tradicional baseado em uma cultura. O design pode proporcionar melhores técnicas de produção ou de eficácia, preservando elementos da sua cultura e identidade.

Os movimentos ocorridos na área do design, sempre sofreram influência dos movimentos históricos e sociais, desta forma, os debates sobre sustentabilidade, modificaram o modo de atuar do designer, o qual passou a inserir em seus projetos questões ambientais, sociais e éticas. (MOUCO, 2010, p. 34).

Com o passar do tempo, estudos e pesquisas cada vez mais reconhecem necessidade e a preocupação com a sustentabilidade de produtos e serviços com relação ao meio em que vivemos. Busca-se fazer uso de recursos que a natureza oferece em cada localidade, em cada região, respeitando-se os saberes e os materiais.

4. PESQUISA IN LOCO

4.1 A HISTÓRIA DO ARTESANATO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS

O local de estudo é a comunidade Serra das Viúvas, que produz o artesanato com palha, por meio do trabalho da AMAQUI, localizada no município de Água Branca, estado de Alagoas.

O artesanato na comunidade Serra das Viúvas nunca foi a principal fonte de renda das famílias, que é o plantio, colheita de alimentos (milho, mandioca, feijão, abóbora e frutas), criações de animais e trabalho no corte de cana. A história da comunidade é descrita basicamente de forma oral, os mais velhos passam através da oralidade para os mais novos suas vivências e a dos seus antepassados.

O artesanato desde seus primórdios era praticado apenas por mulheres, mas com o passar do tempo os homens também foram criando interesse pela prática artesanal com palha.

A produção do artesanato iniciou-se na década de 90, com intenção inicial de transformar o que até então era um lazer. Por meio de um empreendimento comunitário, aquela comunidade pequena, restrita apenas a mulheres, tendo como líder e matriarca Maria Izabel, conhecida como “mãe bela”.

Com o decorrer do tempo, a prática do artesanato quilombola foi passado de geração a geração e a produção artesanal continuou ganhando integrantes. Em 2010, as artesãs conseguiram fundar sua sede na casa de farinha cedida pela mãe bela.

O homem da figura abaixo é o Cicero de Araújo trabalhando na produção da trança do cipó, sua peça vai resultar em um cesto. O trabalho do cipó é feito por poucas artesãs, pois exige maior esforço no processo de trançado. Na associação existem apenas dois homens que trabalham no artesanato, é uma iniciativa que está em pouco número, mas segundo as artesãs tende a crescer com o tempo.

Figura 35: interação do homem com artesanato.



Fonte: Maria Helena Souza. 2017.

Atualmente existe na comunidade um total de 7 artesãos, destes apenas 2 homens trabalham com o cipó, pois seu manejo exige um maior esforço manual, por se tratar de um material mais rígido.

Foto 36: Sede da associação AMAQUI.



Fonte: Lia Ambrósio.2018.

A sede da AMAQUI foi construída com recursos da própria comunidade e com doação do Governo do Estado de Alagoas.

A figura 37 mostra como estão dispostas algumas cestas feitas com o trançado do cipó, segundo relatos das artesãs, alguns produtos ficam na prateleira por um bom tempo, acarretando a diminuição da qualidade do produto que perde sua forma original por não ter uso.

Figura 37: Produtos na associação AMAQUI.



Fonte: |Iara Maria da Silva Lima.2020.

A mesa dos produtos de variados materiais seja palha ou cipó ficam armazenado na sede da AMAQUI.

Figura 38: Armazenamento dos produtos na Associação AMAQUI.



Fonte: Iara Maria da Silva Lima.2020.

A sede da AMAQUI é utilizada para receber visitantes e expor seus produtos. A figura 39 mostra algumas artesãs compartilhando seus saberes de forma oral, contando suas histórias e experiências com o artesanato. Nessas visitas, a matriarca Mãe Bela sempre se faz presente, tanto por ser a artesã mais antiga, como por ser a idealizadora desse projeto.

Figura 39: Interior da sede.



Fonte: Iara Maria da Silva Lima. 2020.

4.2 Caracterização dos informantes

Mulheres e homens remanescentes do quilombo, agricultoras, mães de família, analfabetas e artesãs que tem como fonte de renda principal o cultivo da agricultura, baseada na plantação de alimentos frutíferos, milho, mandioca, feijão, criação de animais.

4.2.1 Organização da Produção

A comunidade não dispõe de uma organização para produção de seus produtos. Segundo a matriarca Mãe Bela, cada integrante produz a quantidade que desejar por dia, a partir daí se nota uma desorganização.

Acontece o acúmulo de produtos e a insatisfação, a organização na produção só acontece quando a AMAQUI recebe uma encomenda grande, que só pode ser realizada com a união de todas, então só nesse momento que ocorre a reunião para dividir as tarefas. Nota-se que ainda não existe um processo de produção e distribuição articulado com o mercado consumidor, o que precisa ser pensado para que haja o crescimento econômico e sustentável da comunidade.

Considerações finais

Ao observar a realidade da Comunidade da Serra das Viúvas, identifica-se uma desorganização no processo produtivo, pois cada artesã produz a quantidade que deseja, sem traçar metas coletivas com foco na produção, exposição e venda dos produtos

A desvalorização do artesanato ainda é uma realidade existente, tornando-se evidente a partir do momento em que profissionais como arquitetos, designers, artistas como um todo, visitam a associação e não colaboram com seu saber profissional para a melhoria dos processos de produção das peças.

De acordo com todas as informações obtidas, pode-se identificar a riqueza cultural e artística do saber popular em relação a produção de cestarias. A experiência do artesão pode proporcionar a promoção do saber popular para muitas outras pessoas

Segundo MOUCO (2010), o profissional designer é munido de conhecimento técnicos essenciais para elevar o valor de produtos, fazendo uso de resgate cultural, potencializando a qualidade do material, fazendo uso de metodologias de trabalho sabendo respeitar as limitações ambiental, social e cultural, melhorando os setores de produção da associação, agregando valor para o mercado, atuando diretamente em três pontos: valorizando os produtos, organizando o processo de produção, inserindo o produto no mercado com melhor qualidade e apresentação de mercadoria profissional.

Em função disto, deve-se entender através do levantamento do estudo de caso sobre o artesanato da AMAQUI e como o designer pode contribuir no desenvolvimento do artesanato de forma significativa, sendo considerada uma ferramenta viável.

A relevância do artesanato também se dá na medida em que se apresenta como contrapartida à massificação e uniformização de produtos globalizados, promovendo o resgate cultural e o fortalecimento da identidade regional. (SEBRAE,2010, p. 8.)

Em suma, a oportunidade em aprofundar o processo de trabalho tendo em vista parceria com artistas que contribuam, desde o esboço do produto, até sua finalização em prol do amadurecimento no que se refere a conceitos, sustentabilidade, organização no processo produtivo e uma sistematização de

informações da AMAQUI como um todo. Seus produtos, contexto histórico e metas a serem alcançadas.

Por outro lado, existe na comunidade um leque de limitações que por respeito à sua cultura e história não podem ser modificadas. Também em consideração aos antepassados, deve-se preservar suas características provenientes do quilombo, o conceito rústico que é tipicamente conhecido e sua matéria - prima sustentável.

Diante da imersão na pesquisa bibliográfica e de campo dentro da realidade da comunidade, fica evidente a riqueza cultural expressada através do artesanato, valorizando sua identidade cultural quilombola. Percebe-se a necessidade de um profissional conhecedor do trabalho artesanal e de sua técnica de produção, para estimular a valorização do desenvolvimento sustentável no artesanato.

Discussões ampliadas com a participação da academia, associações e governos, a partir da crítica a iniciativas anteriores (Via Design, Programa Brasileiro de Design, Programa de Artesanato, entre outros), podem auxiliar o traçado de novas políticas que tratem de design, inovação e competitividade de maneira mais apropriada para esse público específico. (ANDRADE,2015, pag.193)

Através da pesquisa de campo do presente trabalho, pode-se constatar que as artesãs têm potencial para expandir suas técnicas e produtos, mas deve-se ressaltar que precisam ser instruídas e treinadas para que seu produto alcance melhor qualidade e condições de comercialização. Sugere-se intervenções de profissionais de mercado, gestão e design, respeitando-se a cultura local e o fazer artesanal para o desenvolvimento da associação.

Referências bibliográficas

ABCDESIGN. **Design e território: valorizando as qualidades dos produtos locais.** Disponível em:<http://www.abcdesign.com.br/design-e-territorio-valorizando-as-qualidades-dos-produtos-locais>: Acesso em: 12 Jan 2020.

ANDRADE, Ana Maria Queiroz. **A gestão de design e o modelo de intervenção de design para ambientes artesanais: Um estudo de caso sobre a atuação do Laboratório de Design O Imaginário/UFPE nas comunidades produtoras Artesanato Cana-Brava - Goiana, e Centro de Artesanato Wilson de Queiroz Campos Júnior** – Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco. Recife, 2015.

BARROSO, Neto, E. **Curso design, identidade cultural e artesanato.** Fortaleza: SEBRAE / FIEC, 2002. Módulos 1 e 2.

BORGES, A. **Design + artesanato: o caminho brasileiro.** São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade.** São Paulo: Blucher, 2011.

BORGES, Adélia. **Design e Artesanato: o caminho brasileiro.** São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2012.

CAVALCANTE, A. L. B. et al. **Design para a Sustentabilidade** – um conceito interdisciplinar em construção. Londrina, v. 3, n. 1. 2012.

CROCCO, Heloísa. **Artesanato e Design, História de uma Convergência.** Arcdesign, São Paulo, n.13. 2000.

FREITAS, Ana Luiza Cerqueira. **Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto.** São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.

GOIDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisa.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. Disponível em:<https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+cidade+de+%C3%A1gua+branca+alagoas&tbm=isch&tbs=rimg:CaRrN89gdg96ImCUo_1dE6LFn92xucnIRcQo>. Acesso em: 15 Nov 2019.

GOMES, Esdras, BARROS, Flávio Gomes de. (Eds). **Água Branca.** Em revista, ano I, n. 1, jul, pp. 16-22, 2005.

INGOLD, T. 2012b. **Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem.** In: C. STEIL; I.M.C. CARVALHO (orgs.), *Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold.* São Paulo, Terceiro Nome.

KRUCKEN, L. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais.** 1 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LOBACH, Bernd. **Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais.** São Paulo: Blucher, 2011.

MANZINI, Ezio e VEZZOLI, Carlo. **O Desenvolvimento de produtos sustentáveis.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MIKHAILOVA, Irina. **Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. economia e desenvolvimento**, [S.L.], 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/3442>. Acesso em: 25 jul 2019.

MOUCO, Luçana de Moraes. **Design aplicado ao artesanato, uma ferramenta para sustentabilidade: Estudo de caso sobre a comunidade de nossa senhora do perpétuo socorro de Acajatuba, município de Irandubaiam**. Manaus, 2010.

MULHERES DA SERRA DA VIÚVA REALIZAM TRABALHO COM ARTESANATO EM ÁGUA BRANCA. Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/gazeta-rural/videos/v/mulheres-da-serra-da-viuva-realizam-trabalho-com-artesanato-em-agua-branca/6550064/> . Acesso em: 19 julho. 2019.

NETO, S. C. **Prática artesanal, identidade e cultura nas comunidades de remanescentes de Quilombos do Paraná**. HARPIA – Revista de Divulgação Científica e Cultural do Isulpar. N° 6. Vol. 1. Dezembro/2016 INSS: 2179-4073

ONO, Maristela Mitsuko. **Design e Cultura: sintonia essencial**. Curitiba: Edição da Autora, 2006.

ROMERO, F, L. “ **Fazer artesanato para fazer a roça “: apropriações e usos de recursos naturais na comunidade Quilombola da serra das viúvas, sertão alagoano**. UNIOESTE / PR, 2014.

SANTOS. M.E. **Da luta pela produção agrícola e artesanal à construção da AMAQUI: o protagonismo político das mulheres quilombolas da comunidade Serra das Viúvas, Água Branca - AL, 2009-2018**. Delmiro Gouveia, 2019.

SEBRAE. **Termo de Referência. Programa Sebrae de Artesanato**. Brasília: Sebrae, 2010. Disponível em: Acesso em 15 Jun 2019

SEBRAE. **O design no contexto da economia criativa**. 2015. Disponível em: http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/e7df34e8247384939c2ff217f6a4efe7/File/5679.pdf. Acesso em: 15 jul. 2019.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS-SEBRAE. **Programa Sebrae de Artesanato: Termo de Referência**. São Paulo, 2004

VILELA, Delmo. **Design, Artesanato e Logística na Amazônia. Amazonas: Serviço De Apoio Às Micro E Pequenas Empresas do Amazonas - SEBRAE/AM**, 15 mar 2005. Palestra proferida por ocasião do “Workshop Design e Artesanato no Cenário Amazonense”, Manaus, 2005.

WWF. **O que é desenvolvimento sustentável?** Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/. Acesso em: 15 ago. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

TERMO DE ANUÊNCIA

Venho por meio desta solicitar o seu apoio para o desenvolvimento do projeto de pesquisa de conclusão de curso intitulado, a ser realizado por mim Iara Maria da Silva Lima, estudante na Universidade Federal de Alagoas. Estudo de caso sobre o

artesanato da AMAQUI (Associação de Mulheres Artesãs Quilombola) na Serra das Viúvas, sertão alagoano. Sob orientação da Pro^a. Dr^a Morgana Duarte Pitta, docente do curso de Design, arquitetura, e diretora da FAU/UFAL.

O objetivo da pesquisa é analisar o processo produtivo e comercialização do artesanato da comunidade da serra das viúvas, conhecer o processo de produção dos produtos, o respeito a sustentabilidade, se faz necessário uma pesquisa de campo, por meio de registros fotográficos, história oral, formulário e/ou questionário, e não menos importante, observação da produção do artesanato.

As informações que serão coletadas na pesquisa irão contribuir para divulgação do trabalho das AMAQUI desenvolvido na comunidade.

Água Branca -AL _____ / _____ / _____

Maria Helena de Araújo Ambrósio

Presidente da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas da Serra das Viúvas.

ANEXO (S)

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS AMAQUI



ROTEIRO OBSERVAÇÃO

MATÉRIA-PRIMA

- Local
- Equipamentos utilizados
- Número de pessoas participantes

- A função de cada pessoa

BENEFICIAMENTO DA MATÉRIA-PRIMA

- Produtos
- Condições de trabalho do local
- O tipo e quantidade de resíduo
-

PRODUÇÃO

- Matérias-primas utilizadas
- Condições de trabalho do local
- Ferramentas e maquinários utilizados
- Número de pessoas participantes
- A função de cada pessoa
- O tipo e quantidade de resíduos
- Processo de criação utilizado.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIAL APLICADO AS ARTESÃS.

FORMULÁRIO PARA ARTESÃO INDIVIDUAL

Data: __/__/__

IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES:

1. Sexo: () M()F

2. Estado Civil:

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- União Consensual
- Separado
- Divorciado
- Outros

3. Idade:

- 15-20
- 21-25
- 26-30
- 31-35
- 36-40
- 41-45
- 46-50
- 51-55
- 56-60
- Acima de 60 anos

4. Escolaridade:

- Sabe ler
- Não sabe ler
- Alfabetizado
- Fundamental completo/Incompleto
- Superior completo/Incompleto

Ainda estuda? Sim Não

5. Caso não esteja estudando, o (a) Sr. (a) tem vontade de estudar ou continuar os estudos?

- Sim
- Não

Onde o (a) Sr. (a) nasceu? Onde _____

6. Há quanto tempo o (a) Sr. (a) reside na região?

- 01 ano
- 2 a 4 anos

5 a 7anos

7 a 10 anos

acima de 10 anos

Nasceu na comunidade.

7. Já morou fora da comunidade ? 1. Sim 2. Não

8. Durante quanto tempo?

9. Porquê? _____

10. Qual sua principal atividade econômica para o sustento da família?

coletor

agricultor

extrativista

outra _____

11. Qual a sua renda mensal?

até 1 s/m

1 a 2 s/m

2 a 3 s/m

acima de 3 a 4 s/m

acima de 5 s/m

12. Qual a renda mensal da sua família?

13. Você exerce alguma atividade econômica além do artesanato?

sim; não .

14. Se sim qual (ais)?

coletor;

agricultor

extrativista

;outra _____

15. Onde?

na comunidade; na sede do município; outra comunidade; outro lugar

16. Quanto rende?

() menos de 1 s/m; 2.() até 1 s/m; 3.() 1 a 2 s/m; 4.() de 2 a 3 s/m; 5.() 3 a 4 s/m 6.()

acima de 5 s/m

17.Com qual atividade o Sr. (a) mais consegue renda/mês?

_____ 21.Quantas refeições o Sr. (a) faz por dia?

() 1; 2.() 2; 3.() 3; 4.() 4 ou mais.

18.Quais os serviços de saúde disponíveis em seu município?

() Agente de saúde; 2.() Remédio com orientação médica; 3.() Vacinação; 4.()

outros_____

19. Você já teve alguma doença grave?

() sim; () não .

20. Qual sua principal atividade econômica para o sustento da família? () coletor; () agricultor ; () extrativista; ()outra_____

21. Qual a renda mensal da sua família?

() sim; () não .

22. Se sim qual (ais)?

() coletor; () agricultor ; () extrativista; ()outro

23. Onde?

() na comunidade; () na sede do município; () outra comunidade; () outro lugar

24.Quanto rende?

() menos de 1 s/m; () até 1 s/m; () 1 a 2 s/m; () de 2 a 3 s/m; () 3 a 4 s/m ()

acima de 5 s/m

25.Com qual atividade o Sr. (a) mais consegue renda/mês?

_____ 26.Quantas refeições o Sr. (a) faz por dia?

() 1; () 2; () 3; () 4 ou mais.

27.Quais os serviços de saúde disponíveis em seu município?

() Agente de saúde; () Remédio com orientação médica; () Vacinação; ()outros_____

28. Você já teve alguma doença grave?

() sim; () não .

29. Você exerce alguma atividade econômica além do artesanato?

ANEXO B - CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

29. Há quanto tempo você trabalha com artesanato? () 1 a 2 anos () 3 a 5 anos () 6 a 8 anos () 9 ou mais.

30. Com quem o Sr(a) aprendeu a fazer artesanato? () pais () avós () irmão () outros. _____.

31. Em que local o Sr(a). produz o artesanato? () em casa ; () em uma oficina, () outros. _____.

32. Quantas horas por semana o Sr.(a) passa produzindo artesanato? () 01h a 02h () 03h a 05h () 06h a 08h () 09h ou mais

33. Quantas peças de artesanato são produzidas por semana? () 01 a 05 peças () 06 a 10 peças () 11 a 15 peças () 16 ou mais peças.

34. Em que período a produção é maior? 1.() Dezembro a fevereiro 2.() março a maio 3.() junho a agosto 4.() setembro a novembro.

35. Por que neste período a produção é maior?

36. Quais as peças mais produzidas?

37. Quais as matérias primas utilizadas para a produção do artesanato?

Matéria prima Origem

Quantidade semanal

Período de coleta

38. Há alguma matéria prima que já não se encontra com facilidade?

Matéria Prima	Motivo

39. Que outros produtos são utilizados para a produção do artesanato?

Produto	Origem	Quantidade semanal	Período de coleta

40. Quais os equipamentos e ferramentas utilizadas para a produção do artesanato?

Equipamento e ferramentas	Origem	Propriedade

41. Você já sofreu algum acidente ou desconforto enquanto estava produzindo artesanato? () sim, () não

42. Que tipo de acidente ou desconforto você já sofreu? () cortes () dores nas costas () Vista cansada () outros: _____

43. Sobra resíduo do processo de produção do artesanato?

Resíduos	Quantidade semanal	Descarte

44. Onde os produtos são vendidos? 1.() município 2.() Capital 3.() Outros municípios

4.() Outros estados.

45. Em que estabelecimento são vendidos? 1.() lojas 2.() Hotéis 3.() em casa

5.() Outros.

46. Quantas peças são vendidas por semana? 1.() 01 a 05 peças 2.() 06 a 10 peças 3.() 11 a 15 peças 4.() 16 ou mais peças.

47. Quanto o Sr(a) ganha por semana com a comercialização de artesanato? 1.() de R\$1,00 a R\$5,00 2.() de R\$6,00 a R\$10,00 3.() de R\$11,00 a R\$20,00 4. () R\$21,00 ou mais.

48. Você utiliza algum elemento da cultura local para criar peças de artesanato?

1.() não 2.() Sim.

49. Quais os elementos da cultura local mais utilizados para a criação do artesanato? 1.() animais 2.() Plantas 3.() pontos turísticos 4.()Outros._____

50. Como as peças são vendidas? 1.() sem embalagem 2.() embalagem especial 3.() Algum tipo de identificação (etiqueta, cartão ou folheto) 4. () outros_____

51. O dinheiro que você ganha com a comercialização do artesanato é utilizado para que?

() compra de suplementos básicos

() supérfluos

() material e equipamentos para o artesanato

ANEXO C - ENTREVISTA COM OS PRESIDENTES DE ASSOCIAÇÃO

**Roteiro de entrevista junto à presidente da Associação
MARIA HELENA DE ARAÚJO AMBRÓSIO**

Data da aplicação do questionário 18 / 01 /2020

I – Dados do Entrevistado

Nível de Escolaridade: () Analfabeto () Alfabetizado () Ensino Fundamental () Ensino médio

() Superior

II – Associação

1. A Associação foi criada para atender a necessidade de organização do grupo de artesãos

Existente?

() Sim () Em parte

() Não

2. Se sim, quais as ações são desenvolvidas para promover esta organização? (responder

somente se a resposta à 1ª pergunta for afirmativa).

3. Se não, qual o motivo da criação da associação?

4. A associação existe há quanto tempo?

5. As ações desenvolvidas pela a associação obtiveram apoio institucional no financiamento das mesmas ?

() Sim () Não

6. Se sim, quais as principais instituições colaboram?

7. Houve crescimento do artesanato decorrente desse apoio?

() Sim () Não

8. Se sim, qual o motivo?

9. Em sua opinião, os artesãos associados melhoraram suas condições de vida a partir da

atividade artesanal?

() Sim () Não

Justifique

10. Qual a estratégia utilizada pela comercialização do artesanato?

11. Os projetos implantados contribuíram para melhoria de renda dos associados?

() Sim () Não

Justifique:

12. Em sua opinião, quais foram os limites enfrentados pelos artesãos na produção e Comercialização do artesanato?
13. Quais as suas sugestões para aprimorar o programa de desenvolvimento do artesanato?
14. Como e quem decide o valor de cada produto?
15. Quantas peças são produzidas por mês? E quantas são vendidas?
16. Quais os desafios que a Associação enfrenta atualmente?
17. Quais os objetivos alcançados? E quais ainda falta alcançar?
18. As técnicas de produção se modificou no decorrer do tempo ou prevalecem as mesmas até hoje?
19. Quais arquitetos ou designers já fizeram parceria com a AMAQUI?
20. Na sua opinião a parceria com um designer profissional ajudaria a associação? Se sim, de qual forma?
21. Cada integrante tem sua função no processo de produção pré estabelecido? Como ocorre?
22. O SEBRAE supre as necessidades das artesãs ou deixa a desejar?
23. Como foi feita a escolha para você liderar como representante da AMAQUI? E a quanto tempo vem liderando?

ANEXO D - ENTREVISTA COM AS ARTESÃS SOBRE INICIAÇÃO DO TRABALHO ARTESANAL.

Data da aplicação do questionário ___/___/___

Nº _____

I – Dados do Entrevistado

Nome: _____

Idade _____

Nível de Escolaridade: () Analfabeto () Alfabetizado () Ensino Fundamental ()
Ensino médio

() Superior

II – Entrevista

1. Há quanto tempo você trabalha com o artesanato ?

2. Como iniciou essa atividade?

3. O que significa o artesanato na sua vida?

4. Quais as ações que a associação realizou para os artesãos associados?

5. As ações desenvolvidas pela a associação trouxe algum benefício para sua
atividade?

() Sim () Não

6. Se sim, quais os principais benefícios?

7. Você participou de projetos promovidos pelo Programa Estadual de
Desenvolvimento do

Artesanato?

() Sim () Não

8. Se sim, qual ou quais?

9. A sua vida profissional mudou com a realização da associação?

() Sim () Não

Justifique

10. Como é feita a comercialização dos seus produtos ?

11. Na sua opinião a Associação das Mulheres Quilombola atende as
necessidades da produção e comercialização de seus produtos?

() Sim () Não

Justifique

12. Com a renda obtida através do artesanato, você melhorou as suas condições
de vida?

() Sim () Não

Justifique:

13.Qual a sua renda atual ?

14.Houve aquisição de algum bem comprado com dinheiro do artesanato?

() Sim () Não

15.Se sim, qual ou quais?

16.Gostaria de acrescentar algo mais